

A INFLUÊNCIA DA HIERARQUIA PROSÓDICA EM HIPOSEGMENTAÇÕES DA ESCRITA DE CRIANÇAS DE SÉRIES INICIAIS

Ana Paula Nobre da Cunha¹

Ana Ruth Moresco Miranda¹

apncunha@hotmail.com

ramil@ufpel.tche.br

RESUMO: Neste artigo, analisamos a produção escrita de crianças em fase inicial do processo de escolarização, especificamente dados relativos à hipossegmentação encontrada em textos escritos (falta de espaço entre duas ou mais palavras) bem como a relação desse fenômeno com a Fonologia Prosódica, conforme proposta por Nespor e Vogel (1986). Os resultados mostram que a hipossegmentação é preponderantemente influenciada por constituintes mais altos da hierarquia tais como a palavra prosódica, a frase fonológica e a frase entoacional.

PALAVRAS-CHAVE: Constituintes prosódicos; palavra fonológica; aquisição da escrita.

INTRODUÇÃO

Este artigo, fundamentado nos resultados obtidos na dissertação *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*, tem por objetivo apresentar, especificamente, os principais resultados referentes aos dados de hipossegmentação – falta de espaços entre fronteiras vocabulares – e sua relação com os constituintes prosódicos, conforme definidos por Nespor & Vogel (1986).

Para realizar esse estudo, foram analisados textos de dez crianças – cinco de uma escola pública e cinco de uma escola particular, no decorrer das quatro primeiras séries do ensino fundamental.

¹ Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

A partir da análise dos dados, pôde-se observar que as dúvidas das crianças quanto à segmentação da escrita são capazes de revelar aspectos do conhecimento lingüístico e, especialmente, do conhecimento acerca da fonologia da língua responsáveis pela incidência das segmentações não-convencionais. Quanto aos constituintes prosódicos, os dados analisados mostraram que existe predominantemente uma tendência à formação de palavras fonológicas (*derepente*) e, também, à formação de frases fonológicas (*umbelodia*). Esses dados aparecem em maior número nas duas primeiras séries, resolvendo-se naturalmente, na maioria dos casos, com a continuidade do processo de escolarização.

Esse estudo está fundamentado em alguns pressupostos teóricos sobre aquisição da linguagem e processos de aprendizagem, mais especificamente em Chomsky e Piaget, bem como em teóricos que discutem sobre a aquisição da escrita e sobre a prosódia. Vale ressaltar que a Teoria da Linguagem de Noam Chomsky – de caráter inatista – e a Teoria da Aprendizagem de Jean Piaget – de caráter construtivista – ocupam posições diferentes pois são teorias distintas, mas que se relacionam e se complementam quando se pretende estudar fenômenos relativos à linguagem escrita e sua aquisição. A Fonologia Prosódica é um modelo de base gerativista e serve como um dos pontos de partida para o estudo da aquisição da língua escrita, no entanto, ao tratar especificamente da aquisição da escrita, entendida como uma capacidade cognitiva do sujeito, faz-se necessário um estudo sobre as teorias de aprendizagem, em particular, ao construtivismo piagetiano. Nas próximas seções serão apresentadas algumas reflexões sobre a aquisição da escrita e a prosódia.

1. SOBRE A AQUISIÇÃO DA ESCRITA

O processo de aquisição da escrita, neste trabalho, é entendido como um processo de aquisição do conhecimento e, portanto, fundamenta-se na teoria piagetiana. O conhecimento não nasce com o indivíduo, segundo Piaget (1972), a capacidade de conhecer, de aprender, de desenvolver qualquer área do conhecimento é que lhe é inata. O “sujeito cognoscente” da teoria piagetiana se revela no processo de aquisição da língua escrita como aquele que não espera que alguém lhe transmita o conhecimento, mas que aprende por intermédio de suas ações sobre os objetos do mundo que o cerca, construindo suas próprias categorias de pensamento enquanto organiza seu mundo.

A aquisição do conhecimento não acontece de maneira linear, mas de forma global, através de grandes reestruturações (PIAGET, 1978). Esse processo, visto como um todo, é sempre “construtivo”, mesmo quando se chega a um resultado considerado “errôneo”. Conforme Ferreiro e Teberosky (1999), a idéia de erro construtivo é de fundamental importância para o processo de aprendizagem. No que diz respeito à aquisição da escrita em particular, pode-se observar, através dos tipos de erros cometidos pela criança, os processos pelos quais ela passa ao adquirir esse novo sistema.

Para a teoria piagetiana, o objeto do conhecimento só está compreendido quando o sujeito é capaz de reconstruí-lo, quando tiver entendido quais são suas leis de composição. Assim, a criança só terá efetivamente adquirido a escrita no momento em que for capaz de manuseá-la nas suas mais variadas possibilidades, não a associando mais diretamente à língua falada, mas utilizando-a como um objeto único, independente, que pode ser construído e reconstruído a cada momento, de acordo com suas próprias características e regras de composição. Durante o período de apropriação da escrita, no entanto, sabe-se que criança lança mão do conhecimento internalizado que possui a respeito da estrutura de sua língua, especialmente em fases iniciais do processo de aquisição.

2. SOBRE A SEGMENTAÇÃO DA ESCRITA

Pode-se observar como natural que no início do processo de aquisição da escrita a criança tenha uma forte tendência em usar como referência a língua falada, visto que esta já é de seu domínio antes mesmo de seu ingresso na escola. De acordo com Kato (2001, p.10): “a percepção das propriedades de um objeto torna-se mais fácil quando o confrontamos com outro objeto de natureza semelhante”. Conseqüentemente, pode-se esperar que a criança tenha uma tendência, nessa fase inicial, de escrever sem segmentações e que somente no decorrer do processo ela passe a segmentar corretamente. A fala é uma cadeia contínua de sinais acústicos, não é segmentada em unidades lingüísticas (KATO, 2001), quem a ouve é que a reestrutura em unidades psicologicamente significativas. A criança só toma consciência desse fato quando passa pelo processo de aquisição da escrita, nesse momento começa a existir uma reflexão

sobre a língua e uma percepção de que a escrita não é um espelho da fala (CAGLIARI, 2002).

A dificuldade que a criança apresenta em conceituar o que é *palavra*, segundo Ferreiro e Pontecorvo (1996), seria um dos grandes problemas enfrentado pelo aluno durante a aquisição da escrita. Nessa fase, existiria uma maior tendência ao aparecimento de uma escrita hipossegmentada por ser muito mais fácil para a criança entender a palavra como um enunciado e não como uma unidade gramatical ou semântica.

Para Ferreiro e Pontecorvo (1996), a noção de “palavra” é instável para a criança em fase de alfabetização, podendo significar um fragmento do enunciado, o enunciado completo ou ainda letras isoladas. A segmentação lexical começa a sistematizar-se quando a criança entra para a escola. As autoras verificam que nesse período é mais fácil a criança identificar como palavras os substantivos, os verbos e os adjetivos, sendo as demais classes gramaticais, principalmente os artigos, conjunções, preposições e outros elementos de ligação, consideradas como “não palavras”. Quando a criança não reconhece alguma porção - uma ou duas sílabas - como palavra, a tendência natural é que a associe àquela seqüência reconhecida como tal. Esse comportamento faz com que uma grande incidência de hipossegmentações seja encontrada nos textos de séries iniciais. As autoras concluem dizendo que “a escrita das crianças parte de formas unidas (em geral, segundo critérios gráficos e sintáticos) e evolui para uma segmentação cada vez mais completa”.

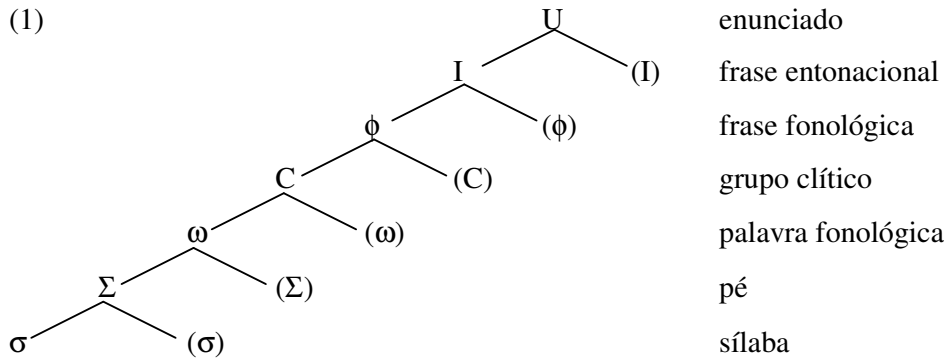
3. SOBRE A FONOLOGIA PROSÓDICA

Para a teoria prosódica, a representação mental da fala está dividida em segmentos hierarquicamente organizados. A cadeia da fala é um ato contínuo, porém compreender uma língua pressupõe saber dividir mentalmente essa continuidade em componentes psicologicamente significativos, os *constituintes prosódicos*.

Os constituintes prosódicos, segundo Nespor e Vogel (1986), são fragmentos mentais integrantes de uma hierarquia, aos quais se aplicam processos fonológicos bem como regras fonológicas específicas. Esses constituintes não apresentam necessariamente isomorfia com constituintes sintáticos, morfológicos ou semânticos.

De acordo com as autoras existem sete constituintes que compõem a hierarquia prosódica, os quais se apresentam na seguinte ordem, do menor ao maior: sílaba (σ), pé (Σ), palavra fonológica (ω), grupo clítico (C), frase fonológica (ϕ), frase entonacional (I) e enunciado (U).

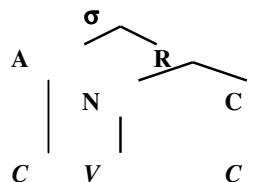
Bisol (1996b) mostra que essa hierarquia pode ser expressa através de um diagrama arbóreo, como exemplificado em (1):



A seguir, apresenta-se uma breve caracterização de cada um dos constituintes que estão em jogo quando a criança tem a sua frente a tarefa de segmentar seqüências lingüísticas em sua grafia.

a) *A sílaba* (σ)

Segundo Nespor e Vogel (1986), a sílaba é o menor dos constituintes da hierarquia prosódica a que se aplicam regras fonológicas. Os constituintes da sílaba são o ataque (A) e a rima (R), que pode subdividir-se em núcleo (N) e coda (C). De acordo com Selkirk (1984) uma estrutura silábica do tipo CVC encontrada em palavras como ‘sol’ e ‘par’, por exemplo, teria a seguinte representação:



b) *O pé métrico* (Σ)

Uma seqüência de duas ou mais sílabas ou moras² que estabeleçam uma relação de dominância, ou seja, que estejam sob o mesmo nó, constitui um pé métrico. O pé métrico normalmente é estruturado de forma a ter uma seqüência, com uma sílaba relativamente forte e as demais relativamente fracas. A proeminência à esquerda ou à direita, varia de língua para língua. Para Nespor e Vogel (1986), o pé é de fundamental importância para o acento, isto é, para a identificação de sílabas tônicas e átonas no interior de palavras assim como nas seqüências de maiores proporções.

c) *A palavra fonológica* (ω)

Segundo Nespor e Vogel (1986), a palavra fonológica ou palavra prosódica é a categoria que domina o pé. Ela é o constituinte que representa a interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática. A palavra fonológica tem um domínio igual ou menor à palavra terminal de uma árvore sintática, não extrapolando esse domínio em nenhuma língua.

O que caracteriza fundamentalmente a palavra fonológica é que ela deve ter apenas um acento primário³, pois, sendo um constituinte n-ário, tem apenas um elemento proeminente. O pé forte de uma palavra fonológica será determinado por um parâmetro que deve ser fixado em cada língua.

d) *O grupo clítico* (C)

O grupo clítico é definido por Bisol (1996a, p.252) “como a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos⁴ e uma só palavra de conteúdo”. Para Nespor e Vogel (1986), os clíticos são constituintes de natureza híbrida, ou seja, embora não se sustentem como palavra em um enunciado, se parecem com uma.

e) *A frase fonológica* (ϕ)

A frase fonológica é o constituinte imediatamente superior ao grupo clítico, ou seja, ela agrupa um ou mais clíticos. Nesse nível inferior à frase fonológica, devido à

² Uma mora é equivalente ao elemento que constitui a rima. Considerando, por exemplo, a representação da sílaba CVC apresentada anteriormente, temos duas moras, o núcleo e a coda silábica.

³ Se tomarmos como exemplo uma palavra composta do português tal como ‘guarda-roupa’, por exemplo, temos duas palavras fonológicas, uma vez que temos dois acentos primários, e uma só palavra morfológica.

⁴ Clítico é uma palavra que depende fonologicamente de outra, comportando-se como se fosse uma de suas sílabas. Os pronomes átonos são exemplos de clíticos.

imposição do modelo hierárquico, considera-se como grupo clítico tanto uma locução (a árvore) quanto apenas uma palavra fonológica (árvore).

A frase fonológica do português é de recursividade à direita, isto é, o cabeça lexical situa-se à direita e todos os demais recessivos que ficam à sua esquerda estão dentro do mesmo domínio de X barra. Somente o adjetivo posposto ao nome pode servir como cabeça de constituinte. No exemplo mostrado em (2.a), N, V e A formam três frases fonológicas e em (2.b), através do processo de reestruturação, passam a formar duas frases fonológicas:

- (2) a. [Plantou] ϕ [um lindo ipê] ϕ [roxo] ϕ
b. [Plantou] ϕ [um lindo ipê roxo] ϕ (por reestruturação)

Segundo Bisol (1996b), a frase fonológica é o âmbito por excelência de aplicação do sândi. A autora descreve dois tipos de sândi, o que ocorre no interior da frase fonológica, como em (3.a), cujo resultado é uma frase fonológica sem limites internos, e o que ocorre entre duas frases fonológicas, como em (3.b), cujo resultado é uma só frase fonológica:

- (3) a. [Músicas] ϕ [que eu] ϕ [sempre escutava] ϕ
[semprescutava] ϕ
b. [A rádio] ϕ [tocava] ϕ [aquela música] ϕ
[tocavaquelamúsica] ϕ

f) *A frase entonacional (I)*

A frase entonacional pode ser formada por um conjunto de frases fonológicas ou por uma frase fonológica apenas, desde que esta possua uma linha entonacional.

A regra básica de formação de uma frase entonacional, segundo Nespor e Vogel (1986, p.218), está fundada nas noções de que “a frase entonacional é o âmbito de um contorno de entoação e de que os finais das frases entonacionais coincidem com as posições em que se podem introduzir pausas em uma oração”. As autoras também afirmam que a frase entonacional pode sofrer um processo de reestruturação, que é determinado, entre outros fatores, pelo tamanho da frase, a velocidade da fala, o estilo e a proeminência relativa.

g) *O enunciado* (U)

O enunciado é o constituinte mais alto e maior da hierarquia prosódica. Tem sua proeminência relativa sempre mais à direita e sua identificação é feita através dos limites sintáticos e da pausa, no entanto, nem sempre U tem o mesmo tamanho do constituinte sintático.

Segundo Nespor e Vogel (1986), de acordo com determinadas circunstâncias, o enunciado sofre processo de reestruturação semelhante às demais categorias inferiores da hierarquia prosódica. Neste nível, a reestruturação não depende somente de fatores sintáticos, mas também de fatores lógico-semânticos, por conseguinte, a reestruturação deve atender a requisitos que incluem “condições pragmáticas” e “condições fonológicas”. Para atender às primeiras, as orações devem ser enunciadas pelo mesmo falante e devem dirigir-se ao(s) mesmo(s) interlocutor(es); para as segundas, as orações devem ser relativamente curtas e não pode haver pausa entre elas.

4. SOBRE A METODOLOGIA DO ESTUDO

Os dados analisados neste estudo pertencem ao Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE-UFPel) que está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado “Aquisição e Desenvolvimento da Escrita: ortografia e acentuação”⁵, cujo principal objetivo é investigar a aquisição e o desenvolvimento da ortografia nos textos de crianças de 1ª a 4ª série do ensino fundamental de duas escolas da cidade de Pelotas (RS), uma pública e outra particular.

Os sujeitos participantes da pesquisa são crianças com idades entre 6 e 12 anos que cursavam, na época das coletas, uma das quatro primeiras séries do ensino fundamental. Os textos analisados foram obtidos a partir de oficinas de produção textual, organizadas e implementadas pelo grupo de pesquisa durante o período escolar, nas escolas freqüentadas pelas crianças. Cada uma dessas oficinas baseou-se em uma proposta diferente, que visava o texto espontâneo do aluno, pois se acredita ser esse o que melhor revela as hipóteses que a criança constrói acerca da linguagem escrita.

Especificamente para este estudo, foram selecionados dez sujeitos, cinco alunos da escola pública e cinco da escola particular. Os sujeitos foram escolhidos de maneira

⁵ Esta pesquisa recebeu financiamento da FAPERGS (Processo 01/1345.4)

intencional, primeiro levou-se em conta a regularidade nas coletas e, depois, foram escolhidos os alunos que apresentavam uma maior diversidade de processos de segmentação em seus textos. Foram analisados setenta e quatro textos, obtidos através de nove coletas realizadas no período de 2001 a 2004.

Os dados de hipossegmentação encontrados foram extraídos dos textos e, após, organizados e analisados a partir de três variáveis lingüísticas: *tipo de palavra*, *estrutura silábica* e *tonicidade*.

Considerando-se que na hipossegmentação a criança escreve sem respeitar as fronteiras vocabulares e une palavras que possuem diferentes funções na língua, estabeleceu-se a variável *tipo de palavra*⁶ para que se pudesse verificar os diferentes tipos de junções resultantes dessa união. Os dois tipos de palavras definidos para análise são: *palavra gramatical* e *palavra fonológica*.

Entende-se a *palavra gramatical* como aquela que não possui significado lexical, como os clíticos, por exemplo. Para Bisol (2000, p.19), “na classe dos clíticos, há aqueles que formam pés, como *para*, *por*, *mas*, *em*. Muitos, porém, não atendem a essa restrição como os pronominais *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, sem falar em outras palavras funcionais *a*, *e*, *o* ou combinações *da*, *do*, *no*, *na*.” A noção de *palavra fonológica* abarca todas as palavras que possuem um acento primário e que, mesmo não tendo significado conhecido na língua, são candidatas potenciais para tal.

Partindo-se dessa variável tem-se, diante dos casos de hipossegmentação, quatro combinações possíveis, a saber: a) palavra gramatical + palavra fonológica; b) palavra fonológica + palavra gramatical; c) palavra gramatical + palavra gramatical; d) palavra fonológica + palavra fonológica.

Depois de separadas de acordo com as quatro possibilidades recém apresentadas, os grupos de palavras foram analisados segundo as variáveis *tipo de sílaba* e *tonicidade*.

Com a variável *tipo de sílaba* procurou-se verificar, nos dados analisados, a preservação ou não do constituinte silábico nos processos de segmentação. No caso da hipossegmentação observou-se, particularmente, a preservação ou não da sílaba nos processos de ressilabação vocálica. Segundo Abaurre (1987), a sílaba CV (consoante-vogal), considerada como padrão no português brasileiro, é um dos primeiros constituintes que a criança reconhece tão logo começa a dominar a escrita.

⁶ Essa variável foi definida por Cunha (2004) na sua dissertação de mestrado “A hipo e a hipossegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia”.

A *tonicidade* é também um aspecto importante a ser analisado nos processos de segmentação. Matzenauer (1990), Miranda (1996) e Rangel (1998), entre outros, constataram, através de estudos de aquisição da fonologia, que as sílabas átonas são mais propícias a sofrerem processos fonológicos. Também tem-se verificado, através de estudos fonéticos, que a tonicidade ou o acento das palavras pode alterar seus segmentos e, até mesmo, a sua quantidade silábica. De acordo com Massini-Cagliari (1992), observa-se uma tendência na língua portuguesa ao abreviamento das vogais átonas e, em alguns casos, até mesmo o seu apagamento, enquanto que as sílabas tônicas tendem a ser alongadas. Em especial no caso das hipossegmentações, analisou-se a tonicidade também porque o pico de acento de um sintagma, ou sua proeminência, pode ser determinante na formação de alguns dos constituintes prosódicos.

Os dados também foram analisados de acordo com duas variáveis extralingüísticas: *tipo de escola* e *série*. A primeira com a intenção de verificar se havia uma diferença quanto ao rendimento das crianças da escola pública e das crianças da escola particular em seu processo de aquisição da escrita. A segunda com o propósito de verificar a evolução dos processos de segmentação na aquisição da escrita, pois se acredita que por se tratar de um processo progressivo, o tempo de contato com o texto e a produção textual contribuem para o domínio da escrita.

5. SOBRE OS DADOS DE HIPOSEGMENTAÇÃO

Nesta seção, os dados serão apresentados de acordo com o resultado obtido após a classificação feita de acordo com a variável *tipo de palavra*. Como se pode observar a seguir há um forte tendência ao aparecimento de seqüências que unem *palavra gramatical* mais *palavra fonológica*.

a) Palavra gramatical + palavra fonológica

Tomando-se como referência o tamanho da palavra, Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que quando a criança começa a escrever tem muita dificuldade em reconhecer como palavra, conjuntos de uma ou duas letras, por isso, na maioria das vezes, junta essas “letras” à palavra seguinte fazendo uma hipossegmentação. Isso ocorre, principalmente, com as classes gramaticais como a conjunção “e”, os artigos, os pronomes e as preposições (monossílabos átonos). Tal afirmativa revela o que pode ser

um resquício da hipótese da quantidade mínima de caracteres, segundo a qual é necessário que se tenha um mínimo de letras para que algo possa ser lido.

Partindo-se de uma hipótese fonológica, essa dificuldade encontrada na escrita apresenta correspondência em parte do processo de aquisição oral. Segundo Abaurre, Galves e Scarpa (1999), quando a criança passa do balbucio tardio para as primeiras palavras os enunciados de uma sílaba são evitados e aparecem sempre junto a emissões de duas ou mais sílabas. Assim como na escrita, as sílabas que se juntam a outras palavras são sílabas que não portam acento.

Como se pode observar nos exemplos em (4), esse fenômeno de juntura entre uma palavra gramatical e uma palavra fonológica é o mais freqüentemente observado nos dados de hipossegmentação:

(4)	avuoresta (<i>a floresta</i>)	umdia	ticomer
	acoruja	umoimte (<i>um monte</i>)	sesquecer
	ocoelho	derepente	medeu
	ubluzão	nachamine	evem
	osgatos	poriso (<i>por isso</i>)	etinha

Nas ocorrências do tipo mostradas na primeira coluna, a hipossegmentação ocorreu sempre entre o clítico, nesses casos um artigo definido, com uma palavra de conteúdo começada por consoante. Essa seqüência parece ser a preferência da criança, pois em alguns textos nos quais ocorreram esse tipo de união, havia também possibilidade da juntura ser feita entre um ‘artigo’ e uma palavra de conteúdo começada por vogal, mas isso não ocorreu. Pode-se citar como exemplo as seqüências ‘a estoria’ ou ‘o auco’ (*o álcool*). No primeiro caso, a criança parece evitar a formação da seqüência ‘aes’, inexistente em início de palavras no português brasileiro; no segundo exemplo citado, parece evitar a formação de um tritongo, encontro vocálico menos freqüente na língua do que o ditongo. Essa preferência se confirma em outro texto em que ocorre a hipossegmentação entre uma palavra gramatical e uma palavra fonológica, nesse caso um pronome clítico e um verbo, como: ‘tiver’ (*te ver*) e ‘ticomer’ (*te comer*), no entanto, o mesmo aluno, no mesmo texto, grafa a seqüência ‘ti ouvir’ (*te ouvir*) sem junção, evitando a formação do tritongo.

Hipossegmentações como no exemplo ‘sesquecer’ (*se esquecer*), no qual existe uma ressilabação vocálica, definida por Bisol (1992, 1996, 2000) como degeminação⁷, ocorrem com frequência. Na grande maioria dos dados encontrados, as estruturas silábicas da língua não são violadas, isso mostra que desde muito cedo esse constituinte apresenta realidade psicológica para a criança, comprovando o que diz Abaurre (1987) sobre a sílaba ser um dos primeiros constituintes prosódicos que a criança domina, especialmente a estrutura silábica do tipo CV (consoante / vogal), considerada como sílaba canônica universal.

b) Palavra fonológica + palavra gramatical

As hipossegmentações resultantes da juntura entre palavra fonológica e palavra gramatical ocorrem quase sempre entre um verbo e um pronome em posição enclítica. Essa seqüência não é a mais comum na fala coloquial do português brasileiro, possibilitando à criança representá-la na escrita como uma só palavra, conforme mostram os exemplos em (5):

- | | | |
|-----|---------------------------------|---------------------------|
| (5) | chamavase (<i>chamava-se</i>) | pegela (<i>pegá-la</i>) |
| | falavase (<i>falava-se</i>) | matalo (<i>matá-lo</i>) |

Nos exemplos mostrados na primeira coluna existe a formação de um pé ternário ou dátilo (BISOL, 1996b), do qual se origina uma palavra proparoxítona. Nos exemplos da segunda coluna formam-se pés binários, ao juntar o verbo com o pronome tem-se um troqueu silábico, que é a regra geral do português para atribuição do acento, segundo Bisol (1996b). Tanto em ‘pegela’ quanto em ‘matalo’, tem-se um pé de cabeça medial, formando palavras paroxítonas trissilábicas. De acordo com Abaurre (1991), no início do processo de aquisição da escrita, muitas vezes a criança parece buscar uma forma padrão para as palavras da língua, combinando hipóteses sobre o número ideal de sílabas e o padrão de acento mais comum. Em consequência dessa busca, a autora constatou ser muito freqüente o aparecimento de palavras trissilábicas paroxítonas.

⁷ Segundo Bisol (1992, 1996, 2000), a degeminação é um processo de ressilabação vocálica que pode acontecer tanto no interior de uma palavra, como em ‘cooperativa’ > c[o]perativa, quanto entre fronteiras vocabulares, como em ‘camisa azul’ > camis[a]zul.

c) *Palavra gramatical + palavra gramatical*

Esse tipo de hipossegmentação é um dos mais raros dentre os dados analisados, acontecendo apenas em dois casos: aqueles que envolvem a palavra gramatical “que” (6.a) e a juntura entre a conjunção “e” e os artigos definidos (6.b):

- | | | |
|-----|---------------------------|-----------------------------|
| (6) | a. oque | b. ea (<i>e a menina</i>) |
| | paque (<i>para que</i>) | eo (<i>e o lobo</i>) |
| | praque | |

Nas hipossegmentações do tipo mostradas em (6.a), a palavra gramatical “que” pode ter atraído a palavra gramatical a sua esquerda. Segundo Abaurre, Galves e Scarpa (1999), a palavra “que”, quando for interrogativa e estiver no início da frase, pode ser portadora de um acento nuclear. Embora o clítico “para” forme um pé métrico, portanto, portador de acento (BISOL, 2000), nos dados mostrados em (6.a) ele aparece na forma contraída ‘pra’ ou mesmo como uma sílaba do tipo CV ‘pa’, transformando-se em sílaba átona e formando, com a palavra gramatical ‘que’, um pé métrico.

Quanto aos exemplos mostrado em (6.b), as motivações parecem ser bem específicas, pois só ocorrem no início de frase, não se repetindo no interior do texto. Esse fato sugere que a criança tem restrições quanto à presença de duas letras isoladas no início de uma frase.

c) *Palavra fonológica + palavra fonológica*

Para compreender e analisar melhor as hipossegmentações desse tipo, é necessário que se transcreva a parte do texto em que elas se inserem, pois essas junturas formam frases fonológicas e frases entonacionais.

A construção da frase fonológica, segundo Nespor e Vogel (1986), acontece por intermédio de noções sintáticas mais gerais, sendo que no português sua recursividade é à direita. O cabeça de uma frase fonológica pode ser um nome, um verbo ou um adjetivo. Os exemplos que seguem mostram hipossegmentações que formam frases fonológicas. No exemplo (7) o adjetivo está à esquerda do nome, por isso incorpora-se à frase fonológica encabeçada pelo nome, enquanto no exemplo (8), tem-se o adjetivo como cabeça de frase.

(7) *belodia (belo dia)*

u belodia a dona bruxa estava costurando bluzão

[u belodia a dona bruxa] FN [estava costurando bluzão] FV

[[u belodia] φ [a dona] φ [bruxa] φ [estava costurando] φ [bluzão] φ] I

(8) tãogrande (*tão grande*)

e essa boca tãogrande

[e essa boca tãogrande] FN

[[e essa boca] φ [tãogrande] φ] I

A frase entonacional deve possuir um contorno de entonação e seu final deve coincidir com uma posição em que se possa introduzir pausa na oração (NESPOR E VOGEL, 1986). Os exemplos acima mostram uma hipossegmentação que forma uma frase fonológica inserida em uma frase entonacional.

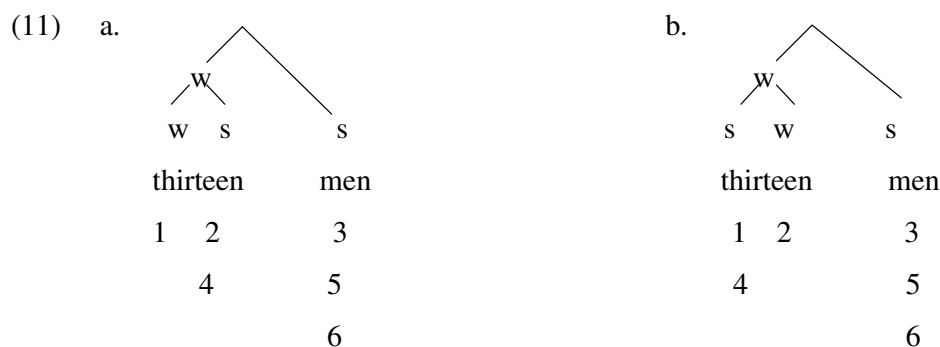
Devido a critérios semânticos, a frase entonacional tem como uma de suas principais características, segundo Bisol (1996b), que uma de suas frases fonológicas seja forte, enquanto as demais são fracas. A seqüência forte na frase entonacional é variável, dependendo da mudança de foco do valor semântico.

Com base no que foi visto acima, pode-se fazer uma suposição de que as seqüências hipossegmentadas, mostradas em (7) e (8), representem a frase fonológica forte da frase entonacional, conforme aparece em (9) e (10), onde S é a frase forte e W a frase fraca.

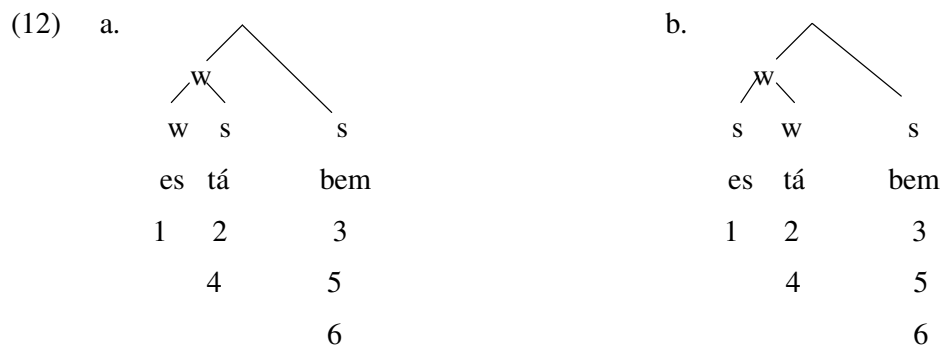
(9) [[u belodia] φ [a dona] φ [bruxa] φ [estava costurando] φ [bluzão] φ] I
 s w w w w

(10) [[e essa boca] φ [tãogrande] φ] I
 w s

O choque de acentos pode ser uma outra motivação para a ocorrência de hipossegmentação entre duas palavras fonológicas. Segundo Matzenauer (1996), as línguas têm uma tendência em eliminá-lo. Isso pode acontecer através de alteração rítmica, de uma reorganização na sua grade métrica, conforme o exemplo de Liberman e Prince (1977), mostrado em (11).



Dados como 'estabem' (*está bem*), podem ser analisados através da grade métrica de Liberman e Prince (1977). Essa reorganização permite uma alteração rítmica da hipossegmentação 'estabem' e, por conseguinte, a eliminação do choque de acentos existente entre as duas palavras, como mostra o exemplo (12):



6. COMENTÁRIOS FINAIS

Dois tendências apresentaram-se como predominantes nos dados de hipossegmentação: juntura entre uma palavra gramatical e outra fonológica, como em: 'olobo', 'derepente', 'tecomer' e juntura entre duas palavras fonológicas, como em 'chicobento', 'pedefeijão', 'benlonge'.

Os dados que envolvem uma palavra gramatical mais uma palavra fonológica aparecem em maior quantidade. Esses achados confirmam o que diz Ferreiro e Teberosky (1999) sobre a dificuldade da criança em reconhecer, na fase de aquisição da escrita, seqüências de uma ou duas letras como palavra. Segundo Abaurre, Galves e Scarpa (1999), essa dificuldade também ocorre na aquisição da linguagem oral, pois a palavra gramatical, por não possuir acento, integra-se à palavra adjacente como uma de suas sílabas pretônicas.

No caso das ocorrências que apresentam hipossegmentação entre duas palavras fonológicas o que acontece é o surgimento de frases fonológicas ou frases entonacionais. Nas primeiras, como no exemplo ‘miaroupa’ (*minha roupa*), a hipossegmentação pode ocorrer devido à escolha, motivada por critérios semânticos, da frase fonológica forte de uma frase entonacional. No caso das frases entonacionais, pode haver uma motivação devido à presença de uma linha entonacional decorrente de uma pausa, como em ‘chicobento saiu corendo’.

Hipossegmentações do tipo que juntam palavra fonológica a uma palavra gramatical e que juntam duas palavras gramaticais aparecem em número muito restrito. As primeiras, em geral, são motivadas pela formação de uma única palavra fonológica, como em ‘pegela’ (*pegá-la*) e as últimas, quase exceções, são significativas apenas nos dados que envolvem a palavra gramatical “que”, como em ‘oque’ ou ‘praque’, justificadas, segundo Abaurre, Galves e Scarpa (1999), pelo acento nuclear que essa palavra possui, principalmente se estiver em uma sentença interrogativa. Esse acento nuclear gera uma interrupção na fala e pode atrair a palavra gramatical que está a sua esquerda.

Nos dados de hipossegmentação, em geral, quanto à variável “tipo de sílaba”, pôde-se constatar que, ao suprimir os espaços entre as palavras, a criança tende a preservar as estruturas silábicas da língua, e somente em casos raríssimos isso não se verifica. Quando o contexto é favorável, a criança usa processos de ressilabação vocálica como a ditongação e a degeminação, conforme mostram respectivamente os exemplos: ‘siolharão’ e ‘sesquecer’.

A variável “tonicidade” mostrou-se muito importante nos dados de hipossegmentação. A supressão dos espaços entre palavras pode ser motivado pela presença de grupos tonais ou linhas entonacionais, bem como pela sílaba tônica da palavra. Em quase todos os casos é preservado o pé do acento.

Os dados analisados revelaram, com relação aos constituintes prosódicos, algumas importantes tendências: a manutenção da integridade da sílaba, pois a criança preserva o constituinte silábico ao unir palavras e a manutenção do pé métrico.

Observou-se também que os constituintes de nível mais alto da hierarquia prosódica, a saber: a frase fonológica, a frase entonacional e o enunciado, parecem dirigir processos de hipossegmentação. A criança, ao perceber a fala como um contínuo, apresenta, no início do processo de aquisição da escrita, uma forte tendência em separar a escrita de acordo com a presença de grupos tonais ou de linhas entonacionais. Esse tipo de ocorrência tende a diminuir tão logo o aluno percebe que a escrita não é exatamente um espelho da fala.

Quanto à variável “tipo de escola”, os dados revelaram que as crianças da escola particular, nos dois primeiros anos de escolarização, apresentaram menos dúvidas do que as

crianças da escola pública. Essa evidência parece apontar que o nível de escolaridade dos pais⁸, e um provável contato maior com a escrita antes do ingresso à escola, favorecem a ocorrência de menos segmentações não-convencionais.

Positivamente, a variável “série” mostrou que a escola possui um papel importante no processo de aquisição da escrita, pois a cada série que passa os dados revelam uma tendência em diminuir a diferença entre as ocorrências de segmentações não-convencionais encontradas nos textos das crianças da escola pública e da particular. Esses dados também confirmam a hipótese de que a escrita é um processo progressivo de aprendizagem, pois quanto mais avançada a série, menor o número de ocorrências de hipossegmentações.

Finalmente é preciso observar que, nos primeiros anos de escolarização, grande parte das dúvidas apresentadas pela criança, quanto à segmentação, parecem se resolver naturalmente. No entanto, quando persistem erros dessa natureza, faz-se necessária uma intervenção consciente por parte do professor para que essas dúvidas não se tornem problemas ao longo da vida escolar do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABAURRE, Maria Bernadete. *O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?* Anais do GEL, 1987.
2. ABAURRE, Maria Bernadete. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da ABRALIN*, 1991.
3. ABAURRE, Maria Bernadete. GALVES, Charlotte. SCARPA, Ester. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do português brasileiro para uma hipótese *top-down* na aquisição da linguagem. In: SCARPA, Ester (org.). *Estudos de prosódia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
4. BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
5. BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, n.23, p.83-101, 1992.
6. BISOL, Leda. O acento e o pé binário. *Letras de hoje*. Porto Alegre: PUC-RS, v.29, n.4, p.25-36, 1994.

⁸ Foi verificado, de maneira geral, através de fichas sócio-econômicas fornecidas pelas escolas, o grau de escolaridade dos pais das crianças das duas escolas. Constatou-se que o grau de escolaridade dos pais das crianças da escola pública é nível fundamental incompleto, enquanto os pais das crianças da escola particular possuem nível médio completo ou grau universitário.

7. BISOL, Leda. Sândi externo: o processo e a variação. In: KARO, Mary (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, v.5, p.55-94, 1996a.
8. BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996b.
9. BISOL, Leda. O sândi e a ressilabação. *Letras de hoje*. Porto Alegre: PUC-RS, v.31, n.2, p.159-168, 1996c.
10. BISOL, Leda. O clítico e seu status prosódico. *Revista de estudos de linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v.9, p.5-30, 2000.
11. CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Lingüística*. São Paulo: Editora Scipione, 2002.
12. CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970. [1983]
13. CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Massachussets: Mit Press, 1965.
14. CUNHA, Ana Paula Nobre da. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. Pelotas, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPel, 2004.
15. FERREIRO, Emília. PONTECORVO, Clotilde. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO, Emilia. PONTECORVO, Clotilde. MOREIRA, Nadja Ribeiro. HIDALGO, Isabel García. *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever*. São Paulo: Ática, p.38-66, 1996.
16. FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
17. KATAMBA, Francis. *Morphology*. New York: SMP, 1993.
18. KATO, Mary. *No mundo da escrita*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
19. LIBERMAN, Mark. PRINCE, Alan. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic inquiry*. n. 17, 1977.
20. MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.
21. MATEUS, Maria Helena. FROTA, Sônia. VIGÁRIO, Marina. Prosódia. In: MATEUS, M. H. et alli. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed., revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.
22. MATZENAUER, Carmem Lúcia. *A aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. 1990. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre, 1990.

23. MIRANDA, Ana Ruth. *A aquisição do 'r': uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, 1996.
24. MORAIS, Arthur. *O aprendizado da ortografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
25. NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *La prosodia*. Madrid: Visor Distribuciones, S.A., 1994 [1986].
26. PIAGET, Jean. *A epistemologia genética*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1972.
27. PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1978.
28. PIATELLI-PALMARINI, Massimo. (org.). *Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1978.
29. RANGEL, Gilsonira. Os diferentes caminhos percorridos na aquisição da fonologia do português. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v.33, n.2, 133-140, junho, 1998.
30. SCARPA, Ester. Sobre a aquisição da prosódia. In: *Anais do II encontro nacional sobre aquisição da linguagem*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1991.
31. SCARPA, Ester. (org.). *Estudos de prosódia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
32. SCARPA, Ester. Interface entre componentes e representação na aquisição da prosódia. In: *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1999.
33. SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.
34. SELKIRK, E. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1984.
35. SLOBIN, Dan Isaac. *Psicolinguística*. São Paulo: Editora da USP, 1980.

RESUMO: Neste artigo, analisamos a produção escrita de crianças em fase inicial do processo de escolarização, especificamente dados relativos à hipossegmentação encontrada em textos escritos (falta de espaço entre duas ou mais palavras) bem como a relação desse fenômeno com a Fonologia Prosódica, conforme proposta por Nespor e Vogel (1986). Os resultados mostram que a hipossegmentação é preponderantemente influenciada por constituintes mais altos da hierarquia tais como a palavra prosódica, a frase fonológica e a frase entoacional.

PALAVRAS-CHAVE: Constituintes prosódicos; palavra fonológica; aquisição da escrita.

ABSTRACT: In this paper, the production of Brazilian children in the literacy period is analyzed, specifically data regarding the hyposegmentation in written texts (failure to separate two or more written words with a space) as well as their relation with the Prosodic Phonology (Nespor and Vogel, 1986). The results show that the hyposegmentation is preponderantly influenced by the higher constituents of the Prosodic Hierarchy such as the prosodic word, the phonological phrase and the intonational phrase.

KEYWORDS: Prosodic constituent; phonological word; writing acquisition.